

POR UMA GEOGRAFIA DO SUJEITO: UM DIÁLOGO COM JEAN PAUL SARTRE, EM O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO

Sélvia Carneiro de Lima
Selvia_lima@yahoo.com.br

Eguimar Felício Chaveiro
eguimar@hotmail.com

Introdução

A história da humanidade é repleta de vertentes filosóficas que foram elaborados para explicar o sujeito e a sua existência. O mesmo ocorreu com os diversos ramos da ciência, especialmente após o Iluminismo, que se dispuseram a criar teorias que direta ou indiretamente enfrentavam “o homem e seus problemas”, como na expressão de Paz (1956).

Dos oitocentismo até o presente momento, a reflexão ganhou identidades, fundamentações e desdobramentos diferenciados que atinge, inclusive, as referências semânticas: falar em “homem” como sinônimo de ser humano pode ser considerado obtusa herança machista. A palavra “homem”, ou a análise de gênero das identidades masculinas e/ou femininas, como as expressões “pessoa”, “indivíduo”, “cidadão” podem instituir modalidades diferenciadas – e ângulos múltiplos – de se interpretar um fenômeno parecido: o sujeito social.

Explicar quem é o sujeito social, suas trajetórias, vivências e a sua construção e reconstrução individual e social demanda, por conseguinte, um esforço cognitivo compatível com uma coerência das referências, que podem se cruzar, intercambiar ou mesmo partilhar cooperações epistemológicas.

O trabalho que se propõe deseja proceder a uma interpretação de sujeito social balizando a análise geográfica do fenômeno, baseando-se nas idéias contidas no texto “O EXISTENCIALISMO É UM HUMANISMO”, edificado por Jean Paul Sartre. Em função de sua popularidade, Sartre escreve este texto com o objetivo de tornar seu pensamento mais próximo do entendimento das massas populares na Europa do pós-

guerra. Além de constituir-se uma resposta às críticas da igreja católica que considerava o existencialismo como uma filosofia contra a humanidade.

Vale ressaltar que “O Existencialismo é um Humanismo” tornou-se texto básico para a divulgação e compreensão desta corrente filosófica de forma mais abrangente nesta sociedade caracterizada por diferentes classes sociais cujo acesso a educação, cultura e ciência manifestam-se de formas desiguais.

Desta maneira, para compreender suas idéias é necessário rememorar ainda que rapidamente suas bases filosóficas que se constituíram sob a influência de autores da corrente existencialista como Kierkegaard e da fenomenologia como Husserl e Heidegger e o contexto histórico de uma Europa estrangulada e traumatizada por seis anos de guerra.

Em síntese, este texto foi produzido no pós-guerra especificamente em 1946 numa França que havia sido recém invadida por nazistas e em uma Europa arrasada pela violência. Violência esta sentida na pele pelo próprio Sartre ao tornar-se prisioneiro em um dos campos de extermínio alemão; marca sangrenta da loucura nazista.

O filósofo parisiense Jean-Paul-Charles-Aymard Sartre (1905 – 1980) deixou contribuições significativas referentes, dentre outros gêneros intelectuais e artísticos, à corrente filosófica existencialista ateísta que propôs explicar os aspectos da condição humana a partir de dois conceitos básicos: a essência e a existência.

Uma das bases filosóficas do existencialismo ateu sartreano é a não existência de Deus. Este posicionamento causou implicações importantes na maneira de pensar o homem, pois se Deus não existe o homem não tem uma essência como origem de si, anterior a sua própria existência. Ele é então, ao contrário de qualquer outra coisa, um ser cuja existência precede a essência, ou seja, é na ação que o homem define sua essência. E não há ação sem escolha.

Qual é o peso humano de uma escolha para cada indivíduo? Como na escolha o indivíduo se torna sujeito? É possível, uma anterioridade à minha presença, como o destino, a história, a cultura, a economia, tolher a minha capacidade de escolher?

O presente texto vai percorrer as idéias que traçam um rol de argumentações para responder essas indagações. Ou, falando de outra maneira: essas são as perguntas que mobilizam o pensamento sartreano. Após caminhar com o raciocínio de Sartre, iremos justapor suas idéias à noção de sujeito em Geografia. Isso vai nos conduzir a produzir uma leitura da relação entre sujeito e espaço.

1 – O homem em Sartre: uma construção

Ora, à medida que Sartre não se interessa por uma visão de homem a partir de qualquer anterioridade, o seu primeiro pressuposto é: o homem existe e só depois na vivência que ele se descobre, se define, se faz. Desta maneira, defende que o homem não é obra de um Criador, mas tão somente tudo que ele escolheu e projetou ser.

Se escolher é o contrário de qualquer representação de destino e de qualquer determinismo, é na ação de escolha, ou na escolha que define qualquer ação, que um indivíduo se forma como sujeito. Ou em palavras sartreanas: é pela escolha que o sujeito humano escreve a sua humanidade, entrelaça-se com o Outro, envolve-se na malha cultural e histórica. Está dito por ele:

“Quando dizemos que o homem escolhe a si, queremos dizer que cada um de nós escolhe a si próprio, mas com isso queremos também dizer que, ao escolher a si próprio ele escolhe todos os homens. Com efeito, não há dos nossos atos um sequer que, ao criar o homem que desejamos ser, não crie ao mesmo tempo uma imagem do homem como julgamos que deve ser (1946, p. 6-7)”.

Com base nas palavras do filósofo, podemos extrair outras lições: escolher é fundar a si mesmo com o princípio de responsabilidade de quem agiu com todos os seres humanos. Ou seja: ao agir sobre o mundo o ser humano age sobre si mesmo. Fundamo-nos com a universalidade construída. . Ao relacionar com o Outro, seus projetos podem chocar-se ou não com o de outros homens.

Redefinir as estratégias de aulas; reorganizar o programa da disciplina; alterar a temporalidade em que se vê a filha; visitar, com mais amiúde, a mãe viúva. Ir ao cinema ver filmes iranianos; escrever um romance a partir de uma imagem remanescente. Fundar um grupo de leitura em família etc., envolve um-Outro. E envolve mais precisamente um valor de ser humano que irrompe cada evento enquanto ação. Escolher, dessa maneira, é um componente da ação que, por sua vez, denota o grau de valor que participa da universal responsabilidade consigo mesmo e com o mundo. Demonstra, também, abertura infinita, pois escolher é próprio de quem é sujeito da ação, ou em ação se forma como sujeito.

O sujeito não é o que apenas existe, vive. É aquele que tece trajetórias fora de uma moral pré-estabelecida. Ele, o sujeito, não atualiza em sua vivência, valores pré-concebidos. Se é assim, cada homem estabelece seu senso de moral, de justiça, de valores com os quais age no mundo.

Essa possibilidade faz com que cada indivíduo tenha a responsabilidade de sua própria vida. O homem é então responsável pelas livres conseqüências de suas escolhas. E nesta condição de responsabilidade por tudo que se é e será, que faz Sartre afirmar que sentimentos como angústia e desespero são inerentes a todos os homens. A angústia é um sinal daquilo que o homem faz e que faz o homem: a capacidade de escolher, essa necessidade e essa condição

Sartre define que a angústia é um processo natural fruto da liberdade que cada homem está entregue. Liberdade que permite o homem ser fraco, ou forte, ou covarde ou determinado, ou qualquer outra coisa. Somente um ser vazio, angustiado e desamparado, isto é, não absoluto, não completo, não pronto pode se fazer mediante a escolha que faz.

Essas lições serviriam para construirmos uma concepção de espaço?

Haveria como, a partir dessas noções, desenvolver uma teoria de sujeito baseada numa interpretação geográfica?

2 – Sujeito e espaço: um diálogo com o existencialismo Sartreano

O pensamento geográfico que ganhou força nas últimas décadas tem revelado que não existe sociedade sem espaço na mesma condição que não existe espaço sem sociedade. Em decorrência disso, pode-se afirmar que a vida humana realiza-se no espaço e realiza o espaço, mas é condicionado também por ele.

Uma ponte com o raciocínio de Sartre pode efetivar que escolher é uma modalidade de criar possibilidades que, por sua vez, conduzem a subseqüentes ações, cujas conseqüências não são previsíveis. Neste processo, o homem se constitui e é definido por Sartre como sendo *“uma série de empreendimentos, que ele é a soma, a organização, o conjunto das relações que constituem estes empreendimentos.”* (1946, P. 14).

É na condição de que o sujeito é um construtor de possibilidades que se pode efetivar a compreensão de sujeito e espaço como ação. Sem escolha não há ação. E sem ação, poderíamos geograficamente dizer, não há espaço. O espaço é um contingente

ininterrupto de ações sociais. É o pedreiro que leva a marmita para a construção num bairro distante de onde mora; é o aposentado que pede a netinha para pegar a aposentadoria no banco; são as vias de fluxos que espelham os sons de uma tempestade porque os veículos transitam conduzindo toda sorte de sujeitos; é um comboio de veículos em fila compassada, carregando o defunto para o cemitério; é o cordão da multidão gritando “chega. Basta. Melhore o salário, seu Governador otário”.

Santos (1988) diria que o espaço transformado pela ação torna-se espacialidade. Campo vivo do entrecruzamento de atividade e objetos. A espacialidade, por sua vez, é o acontecimento vibratório pelo qual pulsa as condutas sociais que, como foi dito, incluindo a decisão do sujeito.

Cada sujeito pode fazer outras escolhas que não as que, habitualmente, desenvolve? Ora, todo sujeito é situado. Portanto, a sua ação decorre de sua situação para qual envolve, com liberdade, a sua subjetividade.

3 – Escolher é situar-se diante da situação: o espaço como mediador

Como foi palpitado, Sartre não concebe influência externa ao homem para determinar seus projetos de existência. Assim, parece que não é a sociedade já existente com sua história e cultura que direciona as escolhas e o modo de viver de cada um, mas tão somente as escolhas livres que ele considera que aspiram ao bem.

Basicamente esta liberdade de escolha teorizada por Sartre pode ser pensada em exemplos próximos e claros como as nossas escolhas por este momento acadêmico, ou situações mais complexas como aquele que preferiu ser ex-negro a exemplo de Michael Jackson ou ex- homem como a Roberta Close ou aqueles que assumiram continuarem Avá-canoeiros em terra de jagunços; também aqueles que decidiram-se arroteiros e latifundiários em terras de Wapixana, Ingaricó, etc.

No pensamento de Sartre pode-se escolher ser esquitejador de mulher como o jovem Mohamed ou dar a vida pelo zelo do próximo como a Madre Tereza de Calcutá. Neste sentido, ele afirma que *a escolha constitui-se a essência o modo particular que desenvolvo minha existência.*

Cada sujeito pode fazer outras escolhas que não as que, habitualmente, desenvolve? Ora, todo sujeito é situado. Portanto, a sua ação decorre de sua situação para qual envolve, com liberdade, a sua subjetividade. Tocarei piano ou direi que a amizade é um show?

Se o ser humano é situado, a sua condição-de-situação marca o seu conteúdo de sujeito como sendo espacial e historicamente fundados. Aliás, vale recorrer à riqueza etimológica do termo SITUAÇÃO. Esta expressão é tecida por dois radicais – sítio e ação que poderia sofrer uma inversão: o sujeito é ação no sítio, no espaço e no tempo.

Poder-se-ia aprender daqui que não há período histórico banal e vazio, como não há sujeito sem a densidade histórica que faculta qualquer existência. Essa síntese, manuseada como um mote teórico nos levaria a ser fiel ao pensador francês estipulando o seguinte: conhecer, por essa via de compreensão, nada mais é que averiguar a especificidade de cada coisa ou evento como acontecimento humano e espacial. Ou refazendo a ordem da afirmação: conhecer é perceber o acontecimento específico de cada coisa. De cada ser.

Escolher, portanto, é produzir-se no espaço com a liberdade da condição situada de cada sujeito que escolhe. Se sem escolha não há liberdade, é na escolha que se inscreve a responsabilidade consigo mesmo, com o espaço e com a vida. Se ninguém escapa de escolher, e ao escolher universaliza-se a ação, o sujeito humano é um projeto. É uma abertura conduzida pela própria consciência.

E é no espaço, mediante ele, em decorrência dele, que ocorrem esse infinito projetar. E porque projeta, todo sujeito é um ser de possibilidade. É esse o tino político da leitura de sujeito: nenhuma dor dilacerante; nenhum remorso castrador; nenhuma relação tingida pelas cores do medo; nenhuma prisão do passado. Se se age, constrói-se possibilidades. A abertura do sujeito é a abertura do mundo, sua inscrição de pedreiro da história: agir para construir a liberdade.

Referência Bibliográfica

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Os pensadores)